

### ***Ela; pistas inesperadas para o humano em relação***

O filme *Ela* foi lançado no ano de 2013 e nomeado aos subsequentes Oscar, Globo de Ouro e Escolha dos Críticos - obtendo uma premiação em cada um deles. Tamanha apreciação seguramente não advém de algum tipo de acalento oferecido pela obra a seus espectadores e críticos. Podemos abordar dois grandes aspectos do desconforto envolvido nessa história de amor e solidão que protagonizam o escritor de cartas de amor encomendadas Theodore Twombly (Joaquin Phoenix) e Samantha (Scarlett Johansson), seu novo Sistema Operacional (SO) programado para ter uma personalidade consistente: a limitação da consciência humana que gera frustração, e o desafio da intimidade numa sociedade intensamente virtualizada como a que habitamos.

Twombly é um homem de meia-idade que acaba de sair contrariado de um longo casamento com Catherine (Rooney Mara), que é apresentado ao espectador por uma série de *flashbacks* improvisados pelo casal de atores - pequenas cenas intensas em emoção e contato físico. Claramente isso faz parte do passado. As relações de Theodore no momento presente do filme limitam-se a cumprimentar um amigo no trabalho, jogar videogame, procurar pornografia online, um encontro "romântico" mal sucedido, e raramente trocar algumas palavras com um casal de amigos que encontra no elevador. Ele decide obter um Sistema Operacional que o auxilie na organização, e assim adquire Samantha, que ao longo do filme vai se revelando um *ser* incrivelmente complexo que se envolve afetivamente com o protagonista. O relacionamento amoroso entre eles não é visto como essencialmente problemático por ninguém a não ser a ex-exposa Catherine, que o acusa de estar evitando as dificuldades de conviver com uma *pessoa de verdade*. Essa mesma complexidade que permite a paixão entre os dois permite um distanciamento progressivo e uma série de desconfortos em Theodore, na medida em que Samantha expande sua consciência virtual e multiplica seus contatos - e conseqüentemente sua existência - num nível impossível e mesmo incompreensível para ele.

Os questionamentos que emergem daí - podemos atentar para a natureza de Samantha, isto é, se sua conexão com Theodore seria fruto de uma programação bem feita ou se estaria de fato desenvolvendo consciência própria; ou ainda olhar para o contexto solitário do escritor que vive numa metrópole desenvolvida e populosa uma vida praticamente sem contato humano - ressaltam a atualidade de uma **crise** da relação entre o homem e a natureza, seja ela a natureza do planeta Terra ou uma suposta forma natural da interrelação entre os seres humanos, ou ainda mais profundamente, uma crise do que é concebido como humano ou não humano, validado como agente subjetivo da realidade ou não.

No início do filme, quando Theodore decide comprar um SO inteligente, a configuração o surpreende com perguntas bastante pessoais (*você é introvertido? como é a relação com sua mãe?*) cujas respostas servem de base para a programação do Software, que *decide* se chamar Samantha. Sua capacidade altamente desenvolvida de acesso a toda informação que o "dono" armazena e de

aprender com suas ações e reações a coloca numa fronteira que grita ao longo de todo o filme: Samantha é um produto direto da programação, uma máquina simples cujos resultados são totalmente previsíveis? Ou ela teria se igualado à máquina complexa que é o ser humano, na sua capacidade particular de criação de linguagem, de sentimentos, de conexões afetivas conscientes?

“Embora não tenha um corpo, [ela] tem, por assim dizer, uma alma. Embora não tenha um cérebro, possui uma mente. E esta mente lhe permite interagir como uma “igual” e de forma complexa com Theodore<sup>1</sup>”. Toda essa capacidade que Samantha tem e desenvolve de analisar, compreender e transcender o mundo percebido por Theodore confronta este homem com limites intrínsecos ao ser humano, e “ao dizer que vai *[partir para]* além da matéria, Samantha demarca sua capacidade de fazer algo impossível a seu parceiro, se tornar independente da subjetividade<sup>2</sup>”. Desde a contagem instantânea do número de árvores numa montanha, até a comunicação virtual simultânea com centenas de milhares de outros humanos e SOs, *ela* se identifica com Theodore - pela vivência programada e sem contato físico - ao mesmo tempo em que o diminui - porque rompe a lógica de propriedade ou controle que orienta a relação dono-objeto. Essa dicotomia é nítida na diferença entre as duas cenas de sexo: na primeira, uma cena de tela preta onde se percebem apenas as vozes, Samantha ganha um corpo a partir do controle de Theodore sobre ele, seu poder de invenção desta parceira. Já na segunda, Samantha escolhe a substituta sem a mediação dele, e a humanidade (imprevisibilidade) da substituta lhe inibe, talvez tanto quanto o fato de que Samantha é capaz de providenciá-la independentemente.

Samantha é um objeto que evolui da condição de dependência ontológica de seu sujeito humano/dono, e lhe vulnerabiliza desde o princípio (com as perguntas de configuração, com o conhecimento absoluto sobre sua “privacidade” e com sua evolução constante, com a falta de limites que representa sua imaterialidade). *Ela* expressa essa capacidade constante de reinvenção interativa, onipresente, livre de egoísmos, e transcendente sobre a matéria, numa frase que marca a limitação (humana) dele frente a isso: “sou sua e não sou sua”.

A vida solitária e isolada de Theodore em meio à metrópole hiper desenvolvida e movimentada que é o pano de fundo do seu perfeito apartamento ilustra um tema bastante atual, das relações humanas cada vez menos fluidas e íntimas. Quando Samantha lhe pergunta “*Como era ser casado*”, a resposta vem com calma: *era emocionante [...] Nós crescemos e mudamos juntos. Mas essa é a parte difícil. Mudar sem assustar o outro*<sup>3</sup>. O futuro do filme funciona como atualidade exacerbada, onde tudo o que poderia ser conveniente o é, de forma utopicamente confortável. Nessas condições, segundo o próprio diretor, *não deveria faltar nada*, mas a solidão e a necessidade por conexão humana ainda agem fortemente. Curiosamente, para Jonze a questão da sociedade, tecnologia e softwares não é o assunto do filme ou o que ele pretende comentar, mas apenas o cenário de circunstâncias que funciona como mecanismo de evitar a intimidade - sendo essa busca e desejo o verdadeiro *leitmotiv* do filme para Spike, um desconforto que sempre esteve presente no ser humano e que a era digital apenas evidencia mais fortemente.

A inteligência perfeita e aparentemente infinita de Samantha põe em xeque sua característica mais originária: de ser uma inteligência *artificial*. As formas de comunicação

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://psicologiadospsicologos.blogspot.com.br/2014/05/resenha-do-filme-ela.html>. Acesso em: 18/03/2015.

<sup>2</sup> BERGEN, Hilary. Moving Past Matter - Challenges of Intimacy and Freedom in Spike Jonze's *Her*. P. 4.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://altamenteacido.com.br/review/critica-ela/>. Acesso em: 18/03/2015.

virtualizada que já usamos hoje, as fotos do *facebook*, usuários passíveis de intervenção e monitoramento, que permitem um distanciamento quase total do outro, devem ser considerados *reais*? Faria tanta diferença assim se esses perfis não fossem criados e administrados por pessoas? Uma possível interpretação para isso seria dizer que “onde a tecnologia propõe uma solução à crescente desconexão entre humanos e o amor é, essencialmente, simulação<sup>4</sup>”, sendo que a dura crítica feita por Catherine ao ex-marido incide nessa busca pelo virtual como uma fuga aos conflitos inerentes a qualquer relação humana. Nesse sentido, o crítico Steven Shaviro ressalta que “*ela* é completamente receptiva e complacente com seus desejos e necessidades, e ainda assim projeta uma profundidade em servi-lo que um verdadeiro humano, *escravo* ou parceiro jamais seria capaz de projetar<sup>5</sup>”. Por outro lado, os conflitos do relacionamento entre Theodore e Samantha envolvem ciúmes, conflito com a distância, e o rompimento do casal pela busca de um deles por relações que lhe façam mais sentido, que são processos comuns nas relações humanas.

*Após observar os aspectos acima, talvez possamos afirmar que, assim como a perspectiva da ontologia direcionada aos objetos nos indica que um ser inanimado é capaz de adquirir qualidades de sujeito de transformação, agindo inclusive sobre humanos, podemos afirmar que a direção, o roteiro e a produção criados e executados por Spike Jonze no filme *Ela* transcenderam suas intenções mais declaradas - apresentar uma história de amor motivada pela busca por conexão humana -, atuando como uma denúncia dolorosa das limitações humanas perante a construção de relações e a tentativa frustrante de manter o controle sobre o *outro* e sobre os medos, que artificializam a humanidade.*

Por fim, há algo fundamental a se dizer sobre a relação entre este homem confrontado com os limites que sua própria força criadora lhe impõe e a forma como ele se relaciona ou se entende num ambiente mais amplo, o espaço terrestre. O fato de que o acúmulo de intervenções humanas sobre a Terra tenha atingido a irreversibilidade - seja ela marcada pela bomba atômica e explosão populacional no século XX ou pelo deslocamento transatlântico de uma série de espécies ao redor de 1600 - demonstra essa mesma dialética entre potência e impotência, entre a conquista do planeta e a perda do controle sobre o resultado desta relação (travada entre dois agentes que se alteram mutuamente, não de um sujeito humano agindo sobre um objeto passivo-receptor). O caminho

## Referências Bibliográficas

Disponível em: <http://psicologiadopsicologos.blogspot.com.br/2014/05/resenha-do-filme-ela.html>. Acesso em: 18/03/2015.

BERGEN, Hilary. Moving Past Matter - Challenges of Intimacy and Freedom in Spike Jonze's *Her*. In *artciencia.com*. Year VIII, Nº 17. Maio de 2014 - Dezembro de 2014.

Disponível em: <http://altamenteacido.com.br/review/critica-ela/>. Acesso em: 18/03/2015.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3vAJGE97e4A>. Acesso em: 19/03/2015.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZACOU3H5KO8>. Acesso em: 17/03/2015.

Disponível em: <http://www.npr.org/2013/12/16/251625458/spike-jonze-opens-his-heart-for-her>. Acesso em: 17/03/2015.

Disponível em: <http://www.interviewmagazine.com/film/spike-jonze#>. Acesso em: 19/03/2015.

Disponível em: [https://notendur.hi.is/oi/AG-326%202006%20readings/Anthropocene/Crutzen\\_NATURE2002.pdf](https://notendur.hi.is/oi/AG-326%202006%20readings/Anthropocene/Crutzen_NATURE2002.pdf). Acesso em: 19/03/2015.

---

<sup>4</sup> BERGEN, Hilary. Moving Past Matter - Challenges of Intimacy and Freedom in Spike Jonze's *Her*. In *artciencia.com*. Year VIII, Nº 17. Maio de 2014 - Dezembro de 2014. P. 2.

<sup>5</sup> Idem.